



Sim, somos *gays*

São jovens que não abrem mão de ser quem são. E de amar às claras. Sem máscaras. Querem dar a cara, com ou sem o apoio dos pais. São a nova geração *gay*

TEXTOS DE BERNARDO MENDONÇA E CHRISTIANA MARTINS FOTOGRAFIAS JORGE SIMÃO

Apenas Maria e Manuel, casal de classe média, de 42 e 43 anos, aceitaram dar a cara pela homossexualidade da sua filha Alice. Uma adolescente extremamente bonita, feminina, a milhas de distância do estereótipo da lésbica arrapazada. Há dois anos Alice confessou à mãe que era homossexual. Tinha 14 anos e não aguentou guardar para si o segredo. Os pais apoiaram-na. Ainda pensaram que pode-

riam ser dúvidas de adolescente, mas com o tempo, a filha fê-los ver que estavam errados. (ver depoimento).

Alice ainda não ganhou coragem para assumir a sua identidade sexual aos amigos, colegas ou à restante família. Tem receio das consequências, das reacções. Por isso é a única adolescente nesta reportagem que não dá a cara e o seu verdadeiro nome não é Alice. No entanto, foi ela mesma quem contactou o Expresso, decidida a partilhar a sua história e que pediu aos pais que partilhassem o seu testemunho.

Chegam os três pontualmente ao café combinado em Lisboa. Parecem serenos. Cúmplices. Em paz. Quem fala primeiro é o pai. Olhos nos olhos: “É estranho. Esta é a primeira vez que estou a falar em frente à minha filha sobre a sua sexualidade. A mesma questão se poria se estivéssemos a falar das minhas outras duas filhas. O que difere é que a orientação sexual da Alice gera uma tal reacção de rejeição e ignorância por parte da sociedade que nos obriga a dar esta entrevista. Preferia que não fosse necessária”. Alice permanece em silêncio.

A mãe recorda como a tentou acalmar quando a filha lhe revelou que gostava de raparigas. “Disse-lhe que estaríamos sempre com ela. Incondicionalmente. Os pais desejam sempre para os filhos a maior felicidade, não é? E estava na altura de nós demonstrarmos isso mesmo. A nossa aceitação foi natural. Talvez tenha ajudado o facto de não sermos preconceituosos. Se ainda não assumimos aos outros elementos da família é porque a nossa filha não se sente preparada”. O pai olha para a filha e confessa a sua maior preocupação: “Sinto que pode ser mais difícil para ela ser feliz, que pode encontrar mais entraves na sua vida só pelo facto de gostar de pessoas do mesmo sexo. Mas estaremos aqui para a amparar e aconselhar”. A mãe

Luana Marques 18 anos

“Foi com um beijo na boca a uma amiga que aos 14 anos descobri que era lésbica. Uma

revelação que mudou a minha vida por completo. Aquele momento íntimo entre as duas fez-me sentir algo diferente de tudo o resto que já tinha sentido. Estava apaixonada. A partir daí aceitei a minha condição com a maior normalidade. Só me senti verdadeiramente mal quando a minha mãe descobriu uma foto reveladora com a minha namorada. Apesar de ser uma mãe jovem — tinha apenas 34 anos — repudiou o que viu e ofendeu-me fisicamente e verbalmente. Foi traumático. Passei por situações que nunca imaginara. Bateu-me por diversas vezes, de maneira bastante agressiva. Ameaçou internar-me num hospital psiquiátrico e ainda iniciou uma perseguição feroz à minha namorada da altura. Chegou a passar-lhe pela cabeça acusar o meu amor por abuso sexual e levá-la a tribunal só porque ela tinha completado 18 anos. Magoava-me inúmeras vezes com frases como “tenho nojo de ti”; “tu não és normal, és um monstro”. Ainda hoje se for preciso faz questão de o dizer às amigas com quem convive. Neste momento namoro com uma rapariga há mais de um ano. E sou muito feliz. Não tenho vergonha nenhuma em dizer que o amor da minha vida é uma mulher, que quero casar com ela, talvez adoptar uma criança, e viver este amor até ao fim dos meus dias.”

Alice, 16 anos

"A primeira pessoa a quem eu contei foi à minha mãe que, por sua vez, contou ao meu pai. Foi numa noite de Natal. Não consegui aguentar mais o segredo. Tinha 14 anos, e já há mais ou menos cinco anos que sabia de minha atracção pelo sexo feminino. Inicialmente tentei desvalorizar esse sentimento ao máximo, mas o amor fala mais alto do que a vontade. E cada vez tinha mais noção da opinião reprovadora da sociedade para com este "problema" que me invadiu sem autorização. Depois de contar o que sentia à minha mãe senti-me doente, culpada e muito envergonhada. Contudo, a reacção dela foi positiva. Deu-me a entender que não fazia mal, que não se importava e que estava tudo bem. E o meu pai pensa da mesma maneira. No início a minha mãe achou que era uma fase ou "dúvidas" da adolescência. O que me deixou triste pois já tenho há muito tempo certezas daquilo que sinto. Também me disse que nunca tinha desconfiado. Precisamente por eu fugir a esse tal "estereótipo gay". Já tive namorados e provavelmente irei ter mais. Se é bom fazê-lo tendo perfeita consciência da minha homossexualidade? Não, não é bom. Basta, para quem não é homossexual, imaginar como seria insuportável manter a longo prazo uma relação com alguém do mesmo sexo. Apenas o faço porque a sociedade me obriga a ser quem não sou. O que iriam pensar as minhas amigas se eu com os meus 16 anos nunca tivesse beijado um rapaz? Tenho medo que lhes passe pela cabeça que não é por rapazes que me sinto atraída. Nunca me apaixonei por uma rapariga com a mesma orientação sexual que eu. E quando gosto de alguma das minhas amigas próximas, é tão difícil. Quem me dera poder dizer-lhe: "Eu amo-te, amo-te mesmo!". Mas depois, como seria? Toda a gente olharia para mim e comentaria negativamente. As minhas amigas mais próximas, deixariam de se sentir à vontade comigo, deixariam de falar sobre rapazes comigo. As pessoas têm tendência a pensar que os homossexuais se sentem atraídos por todas as pessoas do mesmo sexo. Os heterossexuais gostam de todos os que têm o sexo oposto? Muitas vezes também acham a homossexualidade algo mais "porco" e menos sentimental. As minhas paixões são tão ou mais sentidas, vividas e sofridas do que as das minhas amigas. Desejo tornar-me uma adulta séria, culta e altruísta. A minha orientação sexual não altera aquilo que sou, tirando o facto de me tornar uma pessoa mais revoltada e não tão feliz como deveria ser. Um dia irei estar com alguém que eu ame e espero que aí seja tudo muito mais fácil. Até lá caminho tristemente pela adolescência."

remata o assunto: "É puro egoísmo sermos nós a designar o futuro dos nossos filhos. O importante é apoiá-los nas suas escolhas, respeitá-los, aceitá-los com as suas vontades e desejos. Quanto a mim, a única coisa que me faz distinguir as pessoas é se têm um bom ou mau carácter. Se são bons ou maus cidadãos. Se defendem as causas que acreditam. O resto? São apenas características. Tal como o facto de a Alice ter o cabelo e os olhos castanhos, ser inteligente ou responsável".

Foi por acharem exactamente o mesmo, e se sentirem incomodados com o silêncio e o preconceito da sociedade sobre este tema, que o casal Margarida e Paulo, de 51 e 50 anos, decidiu formar a Associação de Mães e Pais Pela Liberdade de Orientação Sexual (AMPLOS) cinco anos após terem descoberto que uma das filhas — Catarina, 22 anos — tinha uma orientação homossexual. "Os pais têm que decidir se querem estar do lado do preconceito contra os filhos ou do lado dos filhos contra o preconceito. Nós esperamos que passe a ser vergonha a homofobia e não a homossexualidade". A socióloga e o professor universitário assumem que passaram numa primeira fase por um processo de adaptação à notícia: "Tal como os nossos filhos, também passamos pela nossa saída do armário, o nosso *coming out* (processo de revelação da orientação sexual). Porque este não é apenas um assunto dos filhos. Tivemos que revelar aos nossos amigos, familiares, que a nossa filha tinha uma namorada. E fizemo-lo paulatinamente e com o cuidado de ter a sua concordância nessa revelação. Porque o nosso amor por ela é incondicional".

De acordo com estes fundadores, a AMPLOS (<http://amplosbo.wordpress.com>) é basicamente "uma vontade" criada em Junho deste ano. Uma vontade de juntar pais e mães que um dia souberam que um dos seus filhos é *gay*, lésbica, bissexual ou transgénero. Conscientes de que uma reacção positiva a essa revelação "é fundamental no processo da construção da personalidade dos filhos". O balanço da iniciativa é, segundo eles, bastante positivo. "Estamos neste momento em contacto com 35 pais e mães. Às reuniões da AMPLOS

têm vindo cerca de 15, que partilharam os seus medos, as suas preocupações e as suas histórias de amor pelos filhos". Estes encontros decorrem periodicamente entre Lisboa e Porto, contando com maior participação por parte das mães do que dos pais". Para que não haja equívocos, Margarida remata: "Não queremos estar em vez dos nossos filhos protegendo-os da discriminação de que são alvo — isso seria menorizá-los, mas estar ao seu lado nesse movimento longo que tem juntado muitas organizações civis contra a agressão homofóbica, contra o estigma. E digo mais: Somos pelos valores mais fortes da família: Amor aos filhos, à verdade e à liberdade".

Pensamentos suicidas O assunto é demasiado sério e a consciencialização da sua cada

vez maior dimensão já está a empurrar os investigadores portugueses a debruçarem-se sobre o tema. Inédita em Portugal, a dissertação de Patrícia Rodrigues foi defendida no ISPA (Instituto Superior de Psicologia Aplicada) há cerca de duas semanas e aprovada com 18 valores. Em causa está justamente o estudo das "ideações suicidas e da homofobia internalizada" nos jovens portugueses. Traduzindo: os pensamentos suicidas que assaltam estes jovens e, simultaneamente, os sentimentos de rejeição que sentem em relação aos *gays*. Sendo, ou não, eles próprios também homossexuais.

A pesquisa abrangeu um universo de 389 pessoas, que responderam a três tipos de inquéritos através da Internet e a idade média dos participantes foi de 19 anos. Do total, 36% autodefiniram-se como *gays*, 21,9% como



Vasco Batalha 19 anos

"Aos sete anos percebi que não gostava de raparigas como os meus amigos. Nasci na Ericeira. Os meus pais estão separados desde 1997. O meu pai era agricultor, nunca conversei com ele sobre a minha homossexualidade. À minha mãe contei. Disse que não ia ter filhos. Ela não percebeu. Estávamos só nós em casa. Nunca cheguei a dizer: "Sou homossexual". Não é preciso. Ela disse que já suspeitava. Não fez cenas. É claro que não ficou contente. Avisou-me das dificuldades que teria pela frente. O que a leva a não me rejeitar é o amor. Com o meu irmão, quatro anos mais velho, foi o ideal. Nunca tive de falar, mas ele aceitou bem. Sabe e pronto. Estou no segundo ano de Tradução, na Universidade Nova de Lisboa. É um processo difícil esse de se assumir. É sofrido. O meu grande problema não é físico, é social. O futuro? Não sei. Gostava de encontrar um rapaz que encaixasse comigo. Só tive um namorado. Agora, relaciono-me com um rapaz americano na Internet. Não tenho vida sexual activa. No dia da aprovação da lei que assegura o casamento às pessoas do mesmo sexo, pensei ir ao Parlamento, mas fiquei em casa e assisti pela televisão."



Sérgio Canossa 18 anos

"Sempre me considerei diferente e já na primária me sentia atraído pelos meninos da turma.

lésbicas, 25,2% como bissexuais e 17% como heterossexuais. Assim, 61,4% dos inquiridos assumiram-se como homossexuais. Uma verdadeira surpresa para a investigadora, segundo explicou ao Expresso, alertando para o facto de, à partida, quem respondeu poder ter um interesse pessoal no assunto. De registar ainda que, destes, 44,2% disseram ter sido já vítimas de discriminação, ou seja, quase metade dos participantes!

E se o assunto se banaliza em quantidade, o mesmo não se pode dizer da pressão social sobre quem se assume como homossexual. Quando inquiridos sobre "quem sabe da sua sexualidade?", os jovens revelaram que falam da sua orientação sexual a apenas alguns amigos e à família, "mas só a parte, como a irmãos ou somente um dos pais, pre-

ferencialmente a mãe".

O mais importante, contudo, é que a pesquisa revelou que "os jovens que se autodefiniram como *gays* apresentam níveis mais elevados de homofobia internalizada". Dito de outra forma: rejeitam-se a eles próprios e aos outros homossexuais. Já os pensamentos suicidas foram mais relevantes junto dos bissexuais. "Parece que os jovens que não assumem abertamente a sua sexualidade têm mais ideação suicida que os jovens que assumem", afirma Patrícia Rodrigues. A explicação deste comportamento poderá estar no facto de que "os jovens que se percebem como bissexuais, acomodam dois tipos de sentimentos, o de uma heterossexualidade, que é valorizada socialmente, e o de isolamento próprio de uma eventual identidade

Tinha apenas 12 anos quando a minha mãe descobriu que eu gostava de um rapaz de 18 anos que conheci através da Internet. Como eu era tão novo, ela convenceu-me de que teria que mudar. Ser 'normal'. Assim fiz. Levei três anos a esforçar-me por ser heterossexual. Até tive uma namorada para procurar cumprir o meu desejo. Trocámos uns beijinhos. Não durou muito. No meio disto tudo fui alvo de *bullying* (humilhação, maus tratos) por parte de rapazes que se achavam mais homens do que eu. Pouco a pouco fui-me assumindo aos meus amigos. Tive sorte, eles aceitaram bem a minha orientação sexual. E passaram a ser o meu pilar, a minha família de afectos. Ainda guardo a esperança de que a minha mãe passe ter orgulho em mim. Pelo que sou e não pelo que ela deseja que eu seja."



André Silva, 19 anos

"Apesar de tudo, nem foi tão complicado. De ter vivido numa instituição de acolhimento porque meus pais não tinham condições. De ter nascido numa aldeia perto de Alcobaça. De ter tentado o suicídio... Já levei o João à casa dos meus pais. Avisei pelo telefone: 'Vou e levo o meu namorado'. Quando cheguei, disse apenas 'este é o João'. Correu bem. Tenho três irmãos. Os mais novos não sabem, os mais velhos lidam bem. Estudo Técnicas de Mesa e Bar em Leiria, mas só percebi que era *gay* quando entrei para a instituição. Pensei que era por viver cercado de rapazes. Apaixonei-me pelo meu melhor amigo. Ele não era homossexual. Para ele foi uma descoberta, tinha 15 anos. Eu tinha quase 18. Durou três meses. Ele disse que só andava comigo para me fazer feliz. Tentei o suicídio. Cheguei a automutilar-me. Passei um mês na Psiquiatria. Já estou melhor, aluguei um quarto, trabalho. Sou assumido, mas há coisas que não faço na rua. Não beijo na boca. Nem me maquilhô. O mundo *gay* tem mais obstáculos. Ninguém pergunta a um hetero se é hetero. Mas se pudesse, não mudava. Já sou feliz assim."



Com a sociedade portuguesa a aparecer cada vez mais aberta e capaz de aceitar as diferenças, há muitos pais, contudo, que preferem pensar que a homossexualidade é apenas uma fase transitória, característica da adolescência. "No fundo, pode tratar-se apenas da negação dos pais, que foram formatados para pensar que os seus filhos serão heterossexuais e, por isso, eles próprios têm de aprender a reconstruir as suas identidades enquanto pais de filhos homossexuais", afirma Pedro Frazão.

O que o psicólogo rejeita é que se possa estar a viver em Portugal uma moda, um período em que afirmar uma sexualidade alternativa até se torna um motivo de aceitação. Até porque a orientação sexual não é uma escolha. "Há pessoas que são mais precoces, sobretudo os homens, com casos de certeza da sua sexualidade desde a infância. As mulheres têm uma sexualidade mais complexa e flutuante, muitas vezes só se assumem depois de adultas. Os percursos não são lineares", explica Frazão. O médico explica ainda que a adolescência é altura em que "se forma a identidade sexual, a questão emerge e se consolida e é, sobretudo, quando se dão as primeiras experiências afectivas e sexuais". Segundo explica, hoje o *coming out* acontece em média aos 15 anos, bastante mais cedo que nos anos 80 em que a maioria dos homossexuais só se assumia a partir dos 21 anos. E que consequências pode ter essa saída do armário numa idade mais precoce? "Depende. A revelação deve ser feita com cuidado e gradualmente a pessoas da família, a amigos de confiança até as pessoas sentirem que existe

homossexual. É entre este turbilhão de sentimentos, potenciado também pela fase da adolescência, que podem surgir pensamentos suicidas, de confusão e não pertença a nenhum destes 'dois mundos'. E finaliza: "A adolescência é o período durante o qual a pessoa procura uma resposta, através das suas relações, de experiências sociais e sexuais, através daquilo que aprende acerca do que é aceitável para a sua consciência".

Importa a maturidade e não a idade "Quando se trata de assumir a sua orientação sexual e de a partilhar, não há idades mínimas. Os pais devem sempre levar muito a sério o que os filhos falam", explica Pedro Frazão, psicólogo e psicoterapeuta, especializado no acompanhamento de adolescentes homossexuais.

um contexto que lhes é favorável e acolhedor a essa nova informação. Para evitar discriminação e violência homofóbica, que muitas vezes surgem no contexto escolar. Mas a partir do momento em que a revelação é feita, gera-se um sentimento libertador, uma sensação de confiança e honestidade perante os outros que é saudável". E conclui: "Os jovens devem poder partilhar a sua sexualidade, com os pais e com a sociedade, a partir do momento em que sintam necessidade. Afinal, se o fazem é porque precisam de ser aceites".

Dar a cara contra o preconceito "Olá! O meu nome é João Valério, tenho 21 anos e gosto de homens". É com uma atitude confiante, descontraída e algo desafiadora que este rapaz se apresenta frente a uma turma de adolescentes da Escola EB 2/3 do Agrupamento Bairro Padre Cruz, em Telheiras, Lisboa.

Está ali na qualidade de dirigente da rede *Ex-aequo*, uma associação nacional de jovens lésbicas, *gays*, bissexuais, transgéneros (LGBT) e simpatizantes que trabalham na defesa dos direitos da juventude LGBT de Norte a Sul de Portugal. A turma a quem ele se dirige é constituída por adolescentes entre os 16 e os 19 anos que estudam para concluir um curso profissional de acompanhamento de crianças, correspondente ao 9º ano de escolaridade.

Uma rapariga esconde-se na gola do casaco num riso nervoso. O colega do lado morde os lábios para não se escancarar a rir também. Mas a maioria dos alunos mal reage. Estão atentos, espantados, curiosos. Ao lado



Rolando Galhardas 19 anos

“Primeiro, contei à minha mãe. Tinha 13 anos. Já não aguentava mais ser uma pessoa com uma capa à frente. Chorei um choro que estava contido há sete anos. As mães são muito sensíveis em relação aos filhos. Os pais têm muitas expectativas. Separaram-se quando eu tinha três meses. Eu nem devia ter nascido. Foi uma gravidez difícil. Ela sabia que era um rapaz, mas diz que, desde a barriga, sentia que eu era sensível como uma rapariga. A minha mãe é costureira, está ligada ao teatro. Sempre me apoiou na minha vocação artística. O meu pai é funcionário público. Por respeito, não falo disso com o meu avô. Eu era o neto favorito e deixei de ser quando lhe contaram.

A primeira vez que senti atracção por um rapaz, tinha seis anos. Era o meu melhor amigo. Deixou de me falar. Sempre gostei de Barbies, de fazer roupas para bonecas. Os meus tios teimavam em dar Action Men, mas eu colocava-os em posições de amor homem com homem! Sem saber o que estava a fazer... Inconscientemente tentava dar sinais para não ter de contar. Gosto de roupa justa, de me maquilhar, de sapatos exóticos. De cores. Gosto de ser homem. Sinto-me bem na minha fisicalidade. Mas não é uma opção. Não se acorda de manhã e se diz que se vai ser homossexual. Acredito que seja genético. Nunca me senti doente por ser *gay*. Namorei com a mesma pessoa entre os 15 e os 18 anos, mas a relação já não era saudável. Passou de paixão à obsessão. Desde então, já tive um envolvimento. Tenho muito cuidado nas relações. Sou sexualmente activo desde os 13 anos e, desde então, regularmente, faço exames para ver se tenho doenças sexualmente transmissíveis. O meu pai descobriu a minha homossexualidade porque encontrou pornografia masculina no computador da família. Quis ir a um psiquiatra, para me ajudar. O médico disse que estava tudo bem comigo. Foi um choque para ele no início, sobretudo pelo medo da reacção da sociedade. Só tive coisas boas na minha vida, desde que assumi. Há por aí muita gente que nunca se assumiu, nem interiormente. Já apanhei e já bati para defender a minha natureza. Não levo desaforos para casa. As nossas elites é que deviam ajudar: quantos assumem em público? Porque não há beijos na boca entre personagens homossexuais nas novelas? Ajudava imenso...”

de João, está Manuel Abrantes, 27 anos, doutorando em Sociologia Económica no ISEG, também ele voluntário da rede ex-aequo. Aproveita o quase silêncio da assistência para agarrar num giz e pedir aos alunos para o ajudarem a preencher o quadro de ardósia com sinónimos de homossexual. “Vale tudo. Todos os nomes que conhecerem para o homem e para a mulher”, avisa.

Nem foram precisos cinco minutos para que o quadro da sala se enchesse com insultos homofóbicos: Maricas, fufa, paneleiro, bicha, boiola, virado, panuca, sapatona, camionista, lambe-carpetes, entre outros. “Como podem ver estas palavras não são propriamente elogios. Não se dizem aos amigos, nem a quem gostamos. E se eu vos disser que uma em cada dez pessoas é homosse-

xual? Já viram a quantidade de homossexuais que provavelmente conhecem, sem o saberem? Serão colegas, irmãos, tios, primos, vizinhos. E talvez não o saibam porque essas pessoas têm medo de ser discriminadas...”, alerta Manuel. João completa-o: “Há pessoas que se suicidam porque são gozadas e insultadas na escola com expressões como estas. Isso é *bullying* homofóbico, ou seja, maltratar física ou verbalmente uma pessoa baseado na sua orientação sexual. O que é grave, errado, preconceituoso. Não há mal nenhum nas pessoas que gostam de outras do mesmo sexo”.

Actualmente existem cerca de 30 voluntários em Portugal que, tal como João e Manuel, vão às escolas a convite dos alunos, professores e associações (APAV, SOS Ra-

cismo) para partilharem informação sobre temas da homossexualidade, bissexualidade e transgenerismo. Um projecto que integra o Projecto Educação LGBT, apoiado pela Fundação Europeia da Juventude do Conselho da Europa. “O retorno é sempre muito positivo. Com estas acções quebra-se o estereótipo e normaliza-se a questão. Porque regra geral, os miúdos têm ideias demasiado desfiguradas, deturpadas e estereotipadas do que é ser-se *gay*, lésbica ou transgénero”, explica Rita Paulos, porta-voz da rede ex-aequo (www.ex-aequo.web.pt), fundada em 2003, e que conta actualmente com oito grupos de jovens voluntários em Aveiro, Braga, Coimbra, Évora, Faro, Lisboa, Porto e Viseu. ■

bmendonca@expresso.impresa.pt